

Suicídio em um cortiço. Vibrações e reverberações literárias.

Fábio Henrique Lopes \*

**Resumo**

As histórias, as relações, as trocas e os conflitos de dois personagens da obra O Cortiço são analisados para pensar a constituição dos sujeitos, suas subjetividades, suas escolhas, suas históricas experiências, suas vidas e morte. Com o objetivo de desconstruir imagens, sentidos e referências tradicionalmente vinculadas ao suicídio e ao sujeito que o pratica, a obra literária é focalizada como possibilidade de problematizações, de abalos, de vibrações e de reverberações que atingem irremediavelmente o dito e o pensado, o formalizado e o naturalizado.

**Palavras-chave:** suicídio, O Cortiço, invenções de si, literatura.

Suicide in a slum. Literary vibrations and reverberations.

**Abstract**

The histories, the relationships, the exchanges and the conflicts of two characters of O Cortiço are analyzed in order to reflect the subjects' constitution, their subjectivities, their choices, their historical experiences, their life and death. Aiming deconstructs images, senses, and references traditionally related to suicide and to the person who commits it, the literary work is focused as a possibility of problematizations, shocks, vibrations and reverberations that certainly hit what is said and what is thought, what is formalized and what is naturalized.

**Key-words:** suicide, O Cortiço, oneself-inventions, literature.

\* Professor Adjunto do curso de História da UFRRJ.

### Palavras Iniciais:

Rio de Janeiro, final do século XIX. No cortiço dominado por João Romão, entre uma singular diversidade de tipos, homens e mulheres, em constantes relações de conflitos e de solidariedade, buscam realizar seus sonhos, estilizando, a todo tempo, suas experiências, suas subjetividades. É dentro dos limites de um emaranhado de cubículos - quentes, definidos por odores e sensações - que as histórias de cada morador são escritas e narradas na reverenciada obra, *O Cortiço*.

Escrito por Aluísio de Azevedo nos tempestuosos anos 80 do século XIX, esse romance já foi analisado por muitos intelectuais e está constantemente em pauta, ou seja, mais de um século após sua publicação, ainda tem muito a nos dizer, ainda reverbera. Considerado por muitos como a jóia rara do “Naturalismo” brasileiro, ou ainda, a mais audaciosa expressão do movimento “Naturalista”, a obra esteve recorrentemente presente na imprensa, principalmente carioca, através de críticas e comentários (Broca, 1991:123-125).

Segundo Brito Broca (1991: 124), o livro foi considerado por seus contemporâneos “estudo consciencioso do *bas-fond* da sociedade fluminense” com cenários, tipos, caracteres nunca dantes analisados pelos nossos escritores, “produto exótico”, por descrever um ambiente pouco conhecido dos leitores de romance daquela época. A este respeito, saliento que, em atitude até então não praticada, Azevedo foi aos cortiços e meteu-se entre a população heterogênea das estalagens para estudar e em seguida descrever, com a sonhada *objetividade*, o meio, as circunstâncias exteriores e a natureza dos espaços, dos sujeitos e das relações.

Não por acaso, Broca nos adverte que “muitos procurariam os janotas de Alencar, as donzelinhas de Macedo e torceriam o nariz não achando coisa que se parecesse com isso em *O Cortiço*.”

Foi nesse momento histórico que vários intelectuais e literatos tentaram adaptar-se às teorias científicas em voga<sup>1</sup>, a fim de aproximar-se dos cientistas, pregando e buscando a atitude objetiva e desapaixonada de quem verifica e registra sem, no entanto, tomar partido. O conhecimento deveria ser fruto de uma atitude considerada crítica e científica, espírito esse marcado principalmente pela concepção do Homem, da Natureza e do Universo, seguindo o Materialismo, O Evolucionismo e/ou o Positivismo. Segundo Antonio Candido e José Castello (1976: 89-98), essa atitude já havia, aliás, sido preconizada como supremo ideal artístico, dentro da própria literatura, por um escritor realista que os naturalistas consideravam seu precursor imediato: Gustave Flaubert. Convém salientar que os escritores brasileiros foram profundamente influenciados pelos franceses, entre eles pelo mestre do “Naturalismo” francês Émile Zola. Contudo, não é demais lembrar que as novas teorias européias amalgamaram-se a um contexto e a uma prática de escrita brasileiros. A esse respeito, Joaquim Fontes (1998: 9-53) destaca o caminho utilizado para a construção de cada personagem, considerando que “é sem dúvida por influência do autor de *L'Assommoir* (Émile Zola), mas também numa irresistível sintonia com as idéias do seu século, que as personagens de Aluísio de Azevedo são constantemente equiparadas, por intermédio de símiles, metáforas e imagens, a animais”.

Assim, no decorrer deste artigo indicarei os processos e as relações a partir das quais as

<sup>1</sup> Entre as principais teorias científicas utilizadas para analisar o comportamento humano, destaco a hereditariedade e o meio como fatores que influenciavam mais diretamente o ser humano.

subjetividades foram constituídas, inventadas e possibilitadas historicamente. Como determinados sujeitos se viam, se pensavam, como atribuíam valor e referências a seus atos, suas escolhas e opções. Ao mesmo, destacarei aquilo que permitiu a própria narrativa, ou seja, a histórica confiança de se “captar um máximo de realidade” dentro e a partir da sociedade carioca do século XIX para, num segundo momento, compô-la com um mínimo de ficção.

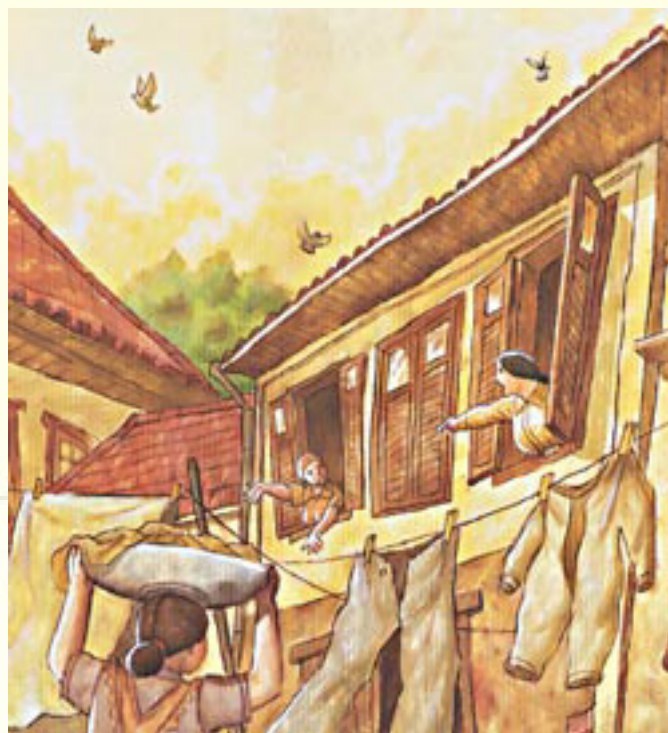


Figura 1. Cotidiano de um cortiço

### Das relações e do contexto:

O ponto de partida para a análise é a personagem Bertoleza. Normalmente, o papel atribuído a ela é central nas análises de “O Cortiço”. De forma geral, ela é lida e transformada no “animal trabalho”. Uma das causas desta atitude encontra-se diluída em sua própria história de vida. Mas este enfoque apresenta um perigo: o de deixar-se capturar e prender nessa armadilha, nessa possibilidade de perceber e definir Bertoleza, transformada em “mulher trabalhadora”. Se assim for, todas as Bertolezas possíveis e presentes na obra estariam camufladas, escondidas e dominadas pela totalizante imagem do trabalho. Para fugir dessa armadilha e dar início à tarefa de descolar o sujeito de sua(s) identidade(s), abrindo, assim, espaços para análise se suas subjetividades, centradas nas opções dos próprios sujeitos, enfatizo a pluralidade e os conflitos da personagem, que, enquanto **escrava de um velho mineiro**, guardava o máximo possível de seu dinheiro para conseguir comprar sua alforria, mesmo precisando pagar a seu dono o jornal de vinte mil-réis por mês; sendo

a amante de um português carroceiro, conseguiu ter a quitanda mais afreguesada do bairro, mas continuava escrava, trabalhando duro o dia todo, vendendo angu na parte da manhã e peixe frito e iscas de fígado à noite, todo esse empenho tinha uma razão: o sonho de ser livre pela compra de sua liberdade. Sonhava com o dia em que pudesse deixar de ser a **escrava robusta**, para se reinventar como a **dona de uma movimentada quitanda** que servia deliciosos petiscos. Dessa maneira, aos poucos, uma outra Bertoleza se faz presente naquele cortiço, cheia de vontades, de sonhos, de desejos, de ambições. Mulher de ação, que aceita e enfrenta os riscos, que (se) incomoda, que integra recusando, que faz acontecer. Bertolezas que transbordam as fronteiras e os limites daquilo que fora forjado pelo social, pelo cultural e, como se acreditava, pela própria Natureza.

Além do mais, devo salientar que será através de suas relações com a figura masculina de João Romão — homem, branco e livre —, que ela poderá, ou não, (re)inventar-se, com quem e a partir de quem experimentará e vivenciará suas

histórias. Embora me esforce em desconstruir Bertoleza, sei que é João Romão o que mais se faz presente no decorrer de todo o romance. Antes de se tornar o astuto negociador e o protótipo do tirano explorador capitalista, João Romão foi um modesto empregado que conseguiu receber, como pagamento de árduos anos de trabalho, uma venda e um conto e quinhentos em dinheiro. Possibilitado por uma referência histórica e masculina - do homem trabalhador que graças a seus esforços conseguira vencer na vida - de um pequeno capital, com muito suor, mangas dobradas, à custa de muitas privações, além, é claro, como sublinharei com a ajuda da crioula Bertoleza, fez progredir seu negócio. Arauto das conquistas masculinas, de muito pouco que recebera, fez a vida.

Fica evidente, já no início da obra de Aluísio de Azevedo, a importância da crioula Bertoleza na vida de João Romão, e também no desenvolvimento do próprio cortiço. Após a morte do português amante de Bertoleza, João Romão consegue aproximar-se intimamente da crioula. Vale a pena lembrar que dessa surge vínculos novos, o vendeiro torna-se participante direto dos sofrimentos da vizinha, conseguindo transformar-se, com o aval de Bertoleza, no confidente de suas desventuras.

Depois de permitir que João Romão se tornasse seu confidente, estabelece-se uma relação de cumplicidade entre ambos. Bertoleza chega a confessar que tinha, já àquela altura, juntado a quantia necessária para comprar sua liberdade. Assim, seu sonho parecia muito próximo e, para não correr o risco de algum gatuno roubar o que a duras penas conseguira, pede a seu novo amigo, João Romão, que guarde suas economias. Tudo o que havia conseguido estava, a partir desse momento, nas mãos do vendeiro.

Pouco tempo depois, a relação entre a quitandeira escrava e o vendeiro amadurece. João Romão passa

a tomar conta de tudo o que ela produzia. Era ele quem punha e dispunha dos seus pecúlios, e quem se encarregava de remeter ao senhor mineiro os vinte mil-réis mensais.

Era esse o homem que Bertoleza projeta e que João Romão inventava para si, um conselheiro e um caixa. Por exemplo, quando a quitandeira escrava precisava de algum dinheiro para qualquer coisa que fosse, dava um pulo até à venda e o recebia diretamente das mãos de João Romão. Homem, negociador e, por isso mesmo, “naturalmente” apto às negociações e relações capitalistas, partia dele não só o controle dos níqueis como sua partilha.

A relação de dependência foi se tornando tão necessária à crioula que o vendeiro, aos poucos, ganhou sua total confiança. A escrava nada mais pôde resolver por si só, e toda essa dependência era explícita. Quando alguém das redondezas, cliente ou fornecedor, precisava tratar com ela qualquer negócio, nem mais se dava ao trabalho de procurá-la, ia logo direto a João Romão. Todos sabiam onde encontrá-la, exatamente no lugar onde passava a maior parte de seu tempo, na quitanda; mas toda decisão, de seu interesse ou a seu respeito, era tomada em outro lugar: na venda vizinha.

Sem poder definir o momento quando os olhares começaram a mudar, quando João Romão passou a ser visto como um homem e um amante disponível, e Bertoleza como uma mulher passível de desejo e prazer, já estavam amigados. Agora a relação tomaria um outro rumo. Bertoleza não será simplesmente a vizinha que confiara suas economias a seu confidente, e João Romão não será somente o vendeiro, caixa e conselheiro. E como tudo se dava às claras, a primeira atitude do vendeiro diante dessa nova situação foi propor que morassem juntos. A crioula, feliz da vida por meter-se novamente com um branco, ciente e reconhecadora das mudanças que isso

possibilitaria, aceitou de imediato. Segundo Alúcio de Azevedo:

Quando deram fé estavam amigados. Ele propôs-lhe morarem juntos, e ela concordou de braços abertos, feliz em meter-se de novo com um português, porque como toda a cafuza, Bertoleza não queria sujeitar-se a negros e procurava instintivamente o homem numa raça superior à sua (AZEVEDO, 1993: 20).

Com essa citação percebe-se a que grau de sujeição Bertoleza se submetia e como foi estilizando sua existência no convívio com um outro que, para ela, era superior. Raça, sexo e situação econômica inferiores, a crioula escrava via em João Romão — homem, branco, livre e comerciante — a possibilidade de uma vida melhor. Ele parecia resumir o homem ideal para uma mulher como ela. Quem, naqueles arredores, conseguiria ser ao mesmo tempo tudo o que seu novo homem era? Depois de muitos anos de sofrimento e labuta incansável, a sorte parecia bater à sua porta e ela, mais do que imediato, aceita o convite!

O cubículo onde o vendeiro se arranjava passou a não servir mais para aquela nova vida. Era preciso comprar alguns palmos a mais de terra ao lado da venda para levantar uma casinha. Mas com que dinheiro isso foi feito? Teria João Romão utilizado suas economias para construir uma casinha onde moraria com sua ex-vizinha, agora amante? Não se enganem, tudo foi pago com as economias de Bertoleza. Do terreno à mobília, tudo foi adquirido à custa do trabalho da quitandeira.

Sem externar nenhum questionamento em relação às novas decisões de seu amante, nem sobre os meios utilizados para tal, Bertoleza estava feliz com sua nova vida. A única coisa que faltava para sentir-se completamente realizada era sua alforria. Não se importava com o ritmo alucinante de seu trabalho, nem com o fato de entregar tudo o

que possuía nas mãos de seu homem; a única coisa que ainda não tinha, o único sonho não realizado era a liberdade. Por isso, é fácil imaginar quão emocionante foi para a pobre crioula ouvir da boca de João Romão que ela finalmente estava livre! Alguns dias após sua mudança, ela ficou sabendo que já não era mais escrava, que não precisaria mais pagar jornal algum e que, doravante, como o próprio vendeiro lhe assegurou, “tudo o que você fizer é só seu e mais de seus filhos, se os tiver”.

Uma nova vida desabrochava-se para Bertoleza. Para comemorar o momento tão esperado, abriram uma garrafa de vinho do Porto e beberam, um fazendo companhia ao outro, um possibilitando sonhos e alegrias ao outro. O momento parecia ser mágico. Compartilhavam um sonho realizado. Ele conseguira sua sonhada liberdade. Deixara de ser escrava.

Tudo não passou, porém, de uma encenação. A felicidade de conseguir a liberdade e de compartilhá-la com a pessoa que tanto fizera para que isso se concretizasse não passou de um truque de João Romão. A carta de liberdade lida pelo amante, diante das lágrimas de Bertoleza, havia sido escrita pelo próprio vendeiro:

(...) a tal carta de liberdade era obra do próprio João Romão, e nem mesmo o selo, que ele entendeu de pespegar-lhe em cima, para dar à burla maior formalidade, representava despesa, porque o esperto aproveitara uma estampilha já servida (AZEVEDO, 1993: 21).

Ao senhor proprietário de Bertoleza constou que sua escrava havia fugido para a Bahia após a morte do amigo português. Não recebera mais nenhum tostão como jornal. Contudo, novos fatos iriam complexificar a história. Meses depois da farsa forjada por João Romão, o velho mineiro proprietário de Bertoleza morre e a crioula, que

acreditava ser mulher livre, passara naturalmente em herança aos filhos do morto. Quando João Romão soube do acontecido, ou seja, a morte do velho proprietário de sua amante, tranqüilizou-se por completo. Agora mais do que nunca, sentia-se satisfeito consigo mesmo. Vangloriava-se com sua astúcia de homem negociante. A partir desse novo gato, a possibilidade de Bertoleza descobrir o que tinha tramado era praticamente nula.

Para Bertoleza, a vida após liberdade se apresentava ainda dura, mas com novas perspectivas: mulher arranjada com um homem superior, era desejada, tinha seu trabalho e, acima de tudo, era livre. Labutava muito, mas alegremente. Seu dia começava às quatro da madrugada, preparando o café para os fregueses, depois cuidava do almoço que deveria servir aos trabalhadores de uma pedreira localizada nos fundos da venda. Era vista também na venda do amante, atendendo o balcão quando o amigo andava ocupado lá por fora. À noite fritava fígado e frigia sardinhas para vender na porta da venda, sempre feliz. João Romão, por sua vez, encorajava constantemente a amante a ajudar-lhe, e ela o fazia.

Dedicava-se também à sua nova casa, onde lavava, cozinhava e costurava além da sua, a roupa de seu homem:

E o demônio da mulher ainda encontrava tempo para lavar e consertar, além da sua, a roupa do seu homem, que esta, valha a verdade, não era tanta e nunca passava em todo mês de alguns pares de calças de zuarte e outras tantas camisas de riscado (AZEVEDO, 1993: 21).

Tudo o que eles acumulavam, todo o lucro, tudo o que rendia a venda e a quitanda era guardado e, em seguida, enviado ao banco. Em tudo se economizava e, aos poucos, a soma foi crescendo. João Romão, a essa altura, deveria estar satisfeito

com o cambalacho em torno da liberdade de Bertoleza, afinal de contas ela estava feliz, satisfeita com a ajuda do vendeiro e constantemente presente, favorecendo o aumento do capital e dos bens,

(...) um ano depois da aquisição da crioula, indo hasta pública algumas braças de terra situadas ao fundo da taverna, arrematou-as logo e tratou, sem perda de tempo, de construir três casinhas de porta e janela (Idem: 21-22).

Com a aquisição de Bertoleza, a situação do vendeiro transformou-se rapidamente, conseguindo o suficiente para ampliar seus negócios. Sua malandragem também foi muito útil na construção dos novos cubículos. Quebrou muitas pedras roubadas da pedreira vizinha e ajudou a construir os cubículos. João Romão observava as obras que estocavam material para o dia seguinte e, à noite, com a ajuda da amante, subtraía o material necessário, de telhas a sacos de cal, de cavalos de pau a ferramentas. Assim, com



Figura 2. João Romão e Bertoleza

muita malandragem eles conseguiram construir as três casinhas que dariam origem ao cortiço. Em pouco tempo, a propriedade foi se ampliando e, à medida que conquistavam mais braças de terra, reproduziam os quartos numa velocidade apenas menor do que o aumento do número de moradores.

A ajuda de Bertoleza foi muito importante porque ela participava de diversas formas. Por se ver como companheira, continuava trazendo tudo o que ganhava na quitanda; estava sempre presente na venda quando o amante se ocupava de outros afazeres; mantinha a casa em ordem; era amante e, em várias ocasiões, cúmplice de muitas falcatruas.

O comportamento malandro garantiu a João Romão uma imagem pública que o ajudaria na hora de estabelecer a ordem no cortiço e possibilitou que ele tirasse proveito de todas as situações e imprevistos que a vida lhe apresentava. Isso foi se constituindo em seu dia-a-dia, usou cambalachos, malandragens e truques para atingir seus objetivos, os quais Aluísio de Azevedo consegue detalhar com maestria, evidenciando o esforço de João Romão para enriquecer:

Sempre em mangas de camisa, sem domingo nem dia santo, não perdendo nunca a ocasião de assenhorear-se do alheio, deixando de pagar todas as vezes que podia e nunca deixando de receber, enganando os fregueses, roubando nos pesos e nas medidas, comprando por dez réis de mel coado o que escravos furtavam da casa dos seus senhores, apertando cada vez mais as próprias despesas, empilhando privações sobre privações, trabalhando e mais a amiga como uma junta de bois... (AZEVEDO, 1993: 22).

O esforço de Bertoleza foi acompanhado pelo trabalho também árduo de seu amante. Mas, se por um lado eles trabalhavam juntos e guardavam o

que podiam, por outro, tudo o que era comprado pertencia a João Romão. Em nenhuma passagem percebi traços que me levassem a estabelecer alguma relação de domínio ou senhorio da crioula sobre o que estava sendo adquirido e construído, como também não notei nenhuma reivindicação por parte dela, nenhuma crítica ao que estava acontecendo. Pelo que parece ela aceitava, compactuava com o estabelecido. No lugar de buscar provas de submissão ou cumplicidade, resignação ou conivência de Bertoleza, tentando, assim, enclausurar possibilidades de invenção de si, parece ser mais intrigante lembrar que para ela a relação entre eles permitia tais experiências. Os lugares e os papéis atribuídos a Bertoleza, aceitos/(re)inventados pela crioula, eram os de vender, limpar, cozinhar e amar, a partir dos quais territórios de si foram moldados, reforçando a construção do campo feminino na trama. Nunca coube a ela decidir ou opinar sobre a venda, a quitanda ou ao cortiço, se é que ela se interessava por essas questões ou achava que podia isso ser de seu interesse.

Com a progressiva construção do número de quartos, com o vertiginoso aumento de moradores e, simultaneamente, com o aumento do lucro da venda e da quitanda, os ganhos de João Romão pareciam não ter fim:

Desde que a febre de possuir se apoderou dele totalmente, todos os seus atos, todos, fosse o mais simples, visavam um interesse pecuniário. Só tinha uma preocupação: aumentar os bens. Das hortas recolhia para si e para a companheira os piores legumes, aqueles que, por maus, ninguém compraria; as suas galinhas produziam muito e ele não comia um ovo, do que no entanto gostava imenso; vendia-os todos e contentava-se com os restos da comida dos trabalhadores (AZEVEDO, 1993: 28).



Figura 3. Cubículos de um cortiço

da venda. João Romão via em seu vizinho um homem que fizera fortuna sem precisar “roer nenhum chifre”. Não precisou labutar com tanto zelo, não se ajuntou com nenhuma crioula, tinha família, uma mulher com “fumaças de nobreza” e uma filha. Era um negociante respeitado por muitos e, como se não bastasse, dele partiam os diversos conflitos e obstáculos para a ampliação do cortiço. Esse sentimento tomou uma proporção desenfreada em seu espírito. Só se incomodava com a imaginada bem-aventurança de Miranda, a ponto de muitas vezes

fechado no quarto de dormir, indiferente e habituado às torpezas carnisais da mulher, isento já dos primitivos sobressaltos que lhe faziam, a ele, ferver o sangue e perder a tramontana, era ainda a prosperidade do vizinho o que lhe obcecava o espírito, enegrecendo-lhe a alma com um feio ressentimento de despeito (AZEVEDO, 1993: 32).

### Um certo português...

Durante os dois anos seguintes, o cortiço prosperou vertiginosamente. Lugar agitado e barulhento, úmido e lodoso, efervescente e contraditório, foi ganhando forças e novos espaços. Nas palavras de Aluísio de Azevedo, “foi socando-se de gente” (Idem: 31). A fama de João Romão já tinha ganhado novos territórios, extrapolando as fronteiras do próprio cortiço: já era conhecido em vários lugares como miserável, sujo, homem que nunca pusera um só paletó que fosse e que vivia “de cama e mesa” com uma negra, Bertoleza.

Mas, a essa altura, um novo sentimento fora gerido em seu íntimo: a inveja. Não aceitava a rival prosperidade de um novo vizinho, um certo português que morava num sobrado à direita

Sentia-se incomodado, pelas imagens, referências e sentido que criara para e a partir de seu vizinho português. Porém, não conhecia as mazelas do oponente. Não suspeitava das aventuras de D. Estela, mulher de Miranda, pega em flagrante delito de adultério. João Romão não conhecia o Miranda insatisfeito, rancoroso e sempre abalado pela suspeita de não ser o pai de Zulmira. O conflito entre essas duas personagens — João Romão e Miranda — estará presente e nutrir-se-á com o desenvolvimento contínuo do cortiço. Conforme aumentava a multiplicidade de moradores daquele cortiço, as querelas entre os poderosos vizinhos iam se encorpando alucinadamente.

Todos esses moradores que se aglomeravam nos novos cubículos tinham suas histórias, normalmente compartilhadas com os amigos-vizinhos. Decepções, angústias, derrotas,





Figura 4. Moradores do cortiço

frustrações, desilusões, medos, mas também sonhos, conquistas, esperanças, divertimento, muito bate-papo, pagode e festas eram comunitariamente vivenciados, criando novas intensidades, vínculos e cumplicidades.

Da fileira de lavadeiras ao comércio de João Romão todos se conheciam e compartilhavam seus sonhos e desejos. Durante as intermináveis horas de trabalho nas tinas, nas cozinhas ou nas fábricas, a vida parecia menos sofrida se pudessem dividir seu peso com ouvidos amigos. Mas Bertoleza não pôde com tanta frequência participar dessas redes sociais e culturais que se teciam no cortiço, não pôde dar a conhecer seus pensamentos, seja por falta de tempo, vontade ou mesmo por não saber quão enriquecedora poderia ser essa prática de desabafo, trocas e solidariedade. Durante o dia e a noite, continuava dedicando seu tempo às tarefas e à labuta, sempre de saias arrepanhadas no quadril, com o cachaço grosso e negro reluzindo de suor. Empenhava-se na manutenção exemplar de si por meio de suas funções e responsabilidades

de cozinheira, balconista, dona de casa e mulher — mas agora menos amante do que no início. A essa altura, com diversos novos afazeres e outras preocupações, João Romão não encontrava nem tempo nem desejo suficientes para ferver o sangue e entregar-se inteiramente às torpezas carnis da mulher, a qual vivia suja e tisonada, sempre ao fogão, mexendo as panelas e enchendo os pratos.

A inveja que o vizinho Ihe causava aumentou ainda mais quando João Romão soube ter sido o Miranda agraciado com o título de Barão. O vendeiro mal podia se conter de tanto ressentimento desde que Miranda viera habitar o sobrado com a família. Justamente no momento em que alcançara uma situação financeira que Ihe propiciava respeito e novos exercícios de poder, um tal português resolve fazer-se seu vizinho e concorrente direto de sua superioridade entre a vizinhança. Miranda era visto feliz em várias ocasiões da vida, cercado de amigos e rodeado de adutores, oferecendo festas e recebendo em sua casa figuras salientes da praça e da política. Envolvido em altas especulações, elogiado pela imprensa e aclamado como homem de vistas largas e grande talento financeiro, tornara-se agora Barão.

João Romão não podia suportar a visibilidade cotidiana da diferença entre eles: a casa, a mulher, as roupas, os amigos, as festas, a educação, os gestos refinados de um bom burguês, a realização profissional e, agora, o título de barão.

Em um dado momento, João Romão começara a delirar com um estilo de vida mais refinado, igual ao do vizinho. Apesar de estar deitado ao lado de Bertoleza, ele não mas a via,

só o que ele via e sentia era todo aquele voluptuoso mundo inacessível vir descendo para a terra, chegando-se para seu alcance, lentamente, acentuando-se (...) Uma vida inteira, completa, real, descortinou-se amplamente

defronte dos seus olhos fascinados; uma vida fidalga, de muito luxo, de muito dinheiro; uma vida de palácio, entre mobílias preciosas e objetos esplêndidos, onde ele se via cercado de titulares milionários, e homens de farda bordada, a quem tratava por tu, de igual para igual, pondo-lhes a mão no ombro (AZEVEDO, 199: 116).

Desejava ser um dos homens importantes recebidos na casa de Miranda. Sonhava com o dia em que faria parte do círculo restrito de homens de títulos milionários. Mas sua condição de dono de cortiço, vendeiro, trabalhador braçal incansável, avarento e pão-duro não poderia permitir a sonhada ascensão social. Além do mais, deveria estar casado com uma senhora bem-educada e distinta de maneiras, e não com uma crioula que cheirava cozinha fedida e que se vestia como uma escrava — o que Bertoleza continuava a ser, sem sequer desconfiar. Mas é importante salientar que João Romão nunca estimulava na amante tal ambição ou sonho. Até aquele instante, Bertoleza, com seus costumes e hábitos, não representava empecilho

para uma vida melhor e mais honrada.

É preciso sublinhar que a mudança partirá do vendeiro. Foi ele quem começou a cobiçar uma vida com regalias, requinte e agradáveis frescuras:

Um desgosto negro e profundo assoberbou-lhe o coração, um desejo forte de querer saltar e um medo invencível de cair e quebrar as pernas. Afinal, a dolorosa desconfiança de si mesmo e a terrível convicção da sua impotência para pretender outra coisa que não fosse ajuntar dinheiro, e mais dinheiro, e mais ainda, sem saber para que e com que fim, acabaram azedando-lhe de todo a alma e tingindo de fel a sua ambição e despolindo o seu ouro. ‘Fora uma besta!... pensou de si próprio, amargurado (...) por que em tempo não tratara de habituar-se logo a certo modo de viver, como faziam tantos outros seus patrícios e colegas de profissão?... Por que se não habituara com as roupas finas, e com o calçado justo, e com a bengala, e com o lenço, e com o charuto, e com o chapéu, e com a cerveja, e com tudo que os outros usavam naturalmente, sem precisar de privilégio para isso? Maldita economia! (AZEVEDO, 1993: 118).

Percebe-se insatisfeito com a situação da venda, com os hábitos dos moradores do cortiço, com a limpeza — ou falta dela — no pátio da estalagem, com o crescente número de hóspedes nos casulos que se subdividiam em cubículos e com as mulheres que despejavam crianças “com uma regularidade de gado procriador” (Idem: 147). Tudo para ele ia mal, do suposto relaxamento dos trabalhadores da pedreira às festas e rodas de pagode no cortiço. Tudo o irritava. Bertoleza mal podia abrir a boca que era tratada aos repelões. Ela, por sua vez, continuava dando de si



Figura 5. Lavadeiras

ao marido. Por meio da relação com João Romão, mesmo nessa nova fase, insistia na manutenção de determinadas subjetividades, sobretudo as de companheira fiel e leal. Para João Romão, cada detalhe ao seu redor transformara-se em obstáculo para que ele pudesse, no mínimo, se igualar ao Barão.

Todos percebiam a transformação do vendeiro após o baronato do vizinho. João Romão via-se obrigado a reconsiderar as prioridades em sua vida, sempre valorizando as vantagens pessoais. Continuava preocupado em *ser alguém*, e estava convicto de que para isso era preciso conseguir bens suficientes que lhe garantissem uma vida considerada *digna* — ou seja, aquela moldada pelos hábitos, modos e costumes burgueses. Daquele momento em diante, mandou confeccionar boas e novas roupas, gostava de ser visto lendo jornais aos domingos, começou a passear, vestido de casimira, calçado e de gravata — mas sempre sozinho, porque a presença da amante crioula tornara-se incompatível com o estilo de vida que queria demonstrar ter. Como bem observou Azevedo (Idem: 149), “já não era o mesmo lambuzão!”

Mas continuou em sua nova empreitada, fez-se sócio de um clube de dança e, duas vezes por semana, esforçava-se para aprender a dançar. Que drástica mudança um possível baronato pode fazer em um homem! Ironicamente, o mais afetado pelo título não foi o mais novo barão carioca, Miranda, mas seu vizinho, o vendeiro amante da crioula escrava Bertoleza.

Depois de se fazer homem mais refinado, tratou de “aburguesar” seu quarto de dormir, seu espaço mais íntimo. Limpou, mandou assoalhá-lo, forrou-o e pintou-o, comprou alguns móveis, arranhou um chuveiro ao lado da retrete. Seus hábitos precisavam ser mais polidos: principiou a comer com guardanapo e a ter sempre toalha

e copos solhadores. Por consequência, cada vez mais sua amante foi afastada dessa nova vida tão almejada pelo vendeiro. Aos poucos, Bertoleza foi transformada em peça imprópria em ambiente tão brancamente burguês.

### Novos incômodos

Este novo aburguesado João Romão tinha dias de folga, nos quais frequentava o Passeio Público ou o Teatro São Pedro de Alcântara. Isso mesmo, nosso velho João Romão parecia estar definitivamente sepultado. O homem rústico forjado no suor do trabalho diário, dava lugar, gradativamente, a outro, que lia, de cabo a rabo, vários fascículos de romances franceses traduzidos.

Na venda deixara de ser visto servindo “à negralhada da vizinhança”. Não se aproximava mais do balcão e, para esse serviço, fez o que tempos atrás seria inacreditável: admitiu mais três caixeiros. E Bertoleza nesse novo cenário?

Bertoleza é que continuava na cerpa torta, sempre a mesma crioula suja, sempre atrapalhada de serviço, sem domingo nem dia santo; essa, em nada, em nada absolutamente, participava das novas regalias do amigo; pelo contrário, à medida que ele galgava posição social, a desgraçada fazia-se mais e mais escrava e rasteira. João Romão subia e ela ficava cá embaixo, abandonada como uma cavalgadura de que já não precisamos para continuar a viagem. Começou a cair em tristeza (AZEVEDO, 1993: 150).

A companheira amiga e leal, incomodada com a repentina mudança do amante, deve ter se dado conta de seu atual desenquadramento. Com os novos matizes, não se viu naquela nova obra de arte. Personagem de um estilo renegado, Bertoleza entristecia-se com as novas exigências e normas que cruelmente excluía tipos que não fossem

brancos, limpos, bem-afortunados, devidamente educados e normatizados.

A busca de aceitação, em meio tão hostil a personagens não gratos, foi coroada pela nova maneira de João Romão ser visto e tratado pelo vizinho Miranda. O impossível tornara-se realidade: o ilustre vizinho barão tirava-lhe o chapéu e parava, risonho, para falar com ele quando se encontravam na rua. A relação entre os antigos rivais, homens de posições contrárias que dividiam praticamente o mesmo espaço, começou a consolidar-se à medida que João Romão demonstrava-se capaz de ser um deles, um entre os muitos “Mirandas” que viviam no Rio de Janeiro do final do século XIX. Em outras palavras, o novo João Romão pôde, inclusive, ser convidado a visitar o sobrado e a família do Barão Miranda.

A partir daquele momento e das novas relações, estimulado por um amigo, João Romão começou a ver em Zulmira, a filha branca, virgem e educada do barão, um bom partido. Durante uma conversa na praia, o amigo Botelho apresentou a definitiva necessidade de uma nova mulher na vida de nosso novo homem:

(...) Botelho, depois de falar com o costumado entusiasmo do seu belo amigo Barão e da virtuosíssima família deste, acrescentou com o olhar fito:

Aquela pequena é que lhe estava a calhar, Seu João!...

Como? Que pequena?

Ora morda aqui! Pensa que já não dei pelo namoro?...Maganão!

O vendeiro quis negar, mas o outro atalhou:

É um bom partido, é! Excelente menina... tem um gênio de pomba... uma educação de princesa: até o francês sabe! Toca piano como você tem ouvido... canta o seu bocado... aprendeu o desenho... muito boa mão de agulha!... e...

Abaixou a voz e segredou grosso no ouvido do interlocutor:

Ali, tudo aquilo é sólido!... Prédios e

ações do banco!...

(...) Ela talvez não queira...


Qual o quê! Pois uma menina daquelas, criada a obedecer aos pais sabe lá o que é não querer? (AZEVEDO, 1993: 150-151).

Tudo parecia perfeito e harmonioso. A pequena Zulmira desenhada por Botelho era exatamente a mulher que um bom burguês desejava para a mãe de seus filhos e para a senhora do lar: branca, virgem, bem educada, rica e obediente. Zulmira é apresentada como a antítese de Bertoleza, seu oposto mais concreto e acessível. Mas, para que João Romão conseguisse de fato concretizar a idéia de casar-se precisaria da ajuda de Botelho. Assim, ambos elaboram um plano de ataque à filha do Miranda e por vinte contos de réis o tal amigo conseguiu, junto ao Barão, marcar um jantar, deixando já o campo completamente preparado para a investida.

Dias após o acordo com Botelho, quando João Romão recebeu uma carta do vizinho, solicitando-lhe a fineza de ir jantar com ele mais a família, deu-se uma verdadeira revolução em seu espírito. Ensaiou o que iria dizer, banhou-se em várias águas, limpou os dentes, perfumou-se, aparou as unhas e vestiu-se de roupa nova para se fazer merecedor desse tão sonhado ambiente.

Após o jantar, quando se pilhou na rua em direção de sua casa, respirou com alívio. Segundo Azevedo (Idem: 154), “uma alegria de vitória transbordava-lhe do coração e fazia-o feliz.” Muito satisfeito consigo, entrou em casa e recolheu-se, rejubilando com idéia de atirar-se na cama, para pensar, mais à vontade, em seu futuro, no novo devir que ele esboçava. Mas a felicidade e o sentimento de vitória parecem ter esfriado repentinamente quando percebe que ainda não estava livre e desimpedido:

A bolha do seu desvanecimento



engelhou logo à vista de Bertoleza que, estendida na cama, roncava, de papo para o ar, com a boca aberta, a camisa soerguida sobre o ventre, deixando ver o negrume das pernas gordas e lustrosas.

E tinha de estirar-se ali, ao lado daquela preta fedorenta a cozinha e bodum de peixe! Pois, tão cheiroso e radiante como se sentia, havia de pôr a cabeça naquele mesmo travesseiro sujo em que se enterrava a hedionda carapinha da crioula!...

Ai! ai! gemeu o vendeiro, resignando-se.

E despiu-se.

Uma vez deitado, sem ânimo de afastar-se da beira da cama, para não se encostar com a amiga, surgiu-lhe nítida ao espírito a compreensão do estorvo que o diabo daquela negra seria para seu casamento (AZEVEDO, 1993:154).

Agora Bertoleza não era mais e apenas a útil crioula, escrava e/ou ex-escrava, trabalhadora e amante. Era um trambolho, “João Romão, com efeito, tão ligado vivera com a crioula e tanto se habituara a vê-la ao seu lado, que nos seus devaneios de ambição, pensou em tudo, menos nela” (Idem: 155).

Mal conseguiu dormir naquela noite. Ficou arquitetando uma forma de se livrar da crioula, mas não conseguia planejar nada. No dia seguinte, “ao contemplá-la de cócoras à porta de sua venda, abrindo e destripando peixe, foi que, por associação de idéias, lhe acudiu esta hipótese: E se ela morresse?...” (Idem: 155).

Com o passar dos dias e dos meses, a idéia de livrar-se de Bertoleza — agora feita trambolho — amadurecia e fazia-se urgente. João Romão — já familiarizado com as novas roupas, com os novos tratos e com o novo mundo burguês —, começava a desprezar toda aquela “gentalha sensual”, que o enriquecera. Convencia-se diariamente de sua nova posição e de suas vantagens, do hiato que

se formava entre ele e os demais moradores do cortiço.

Bertoleza continuava se formando e sendo moldada a partir e com os propósitos forjados anteriormente, em outro tempo, não tão distante assim, Enquanto João Romão dava seus passeios, principiava a tomar tino no jogo da Bolsa, comia em hotéis caros e bebia cerveja em larga camaradagem com capitalistas nos cafés do comércio ou visitava a casa do barão, agora amigo íntimo, ela continuava sendo vista diariamente na venda. Ao contrário do que acontecera com ele, ela não reconstruiu seu território. Ainda limpava os peixes, fritava iscas, cuidava de sua casa e tratava das roupas novas de João Romão.

Ele, por sua vez, tratava Zulmira com dispendiosos galanteios, recursos e agrados nunca utilizados com Bertoleza. Comprava-lhe doces, flores e não poucos mimos por onde passava. Mas estaria a dedica crioula atenta ao que se passava com “seu” homem? A brutalizada Bertoleza ter-se-ia simplesmente se conformado com a situação? Ela sabia que este homem não era mais aquele benemérito que a ajudará a obter sua liberdade,

Bertoleza bem que compreendia tudo isso e bem que estranhava a transformação do amigo. Ele ultimamente mal se chegava para ela e, quando o fazia, era com tal repugnância, que antes o não fizesse. A desgraçada muitas vezes sentia-lhe cheiro de outras mulheres, perfumes de cocotes estrangeiras, e chorava em segredo, sem ânimo de reclamar os seus direitos. Na sua obscura condição de animal de trabalho, já não era amor o que a mísera desejava, era somente confiança no amparo da sua velhice, quando de todo lhe faltassem as forças para ganhar a vida (AZEVEDO, 1993: 193).

Trecho instigante! Ao mesmo tempo em que mostra uma Bertoleza acuada diante da mudança drástica do companheiro, mulher negra que aceitara sua condição de inferior, revela também outras mulheres, outras Bertolezas possíveis. Ciente de sua condição e de seus possíveis direitos, se preocupa consigo mesma e com sua velhice. A esse respeito, cabe ressaltar que Bertoleza é exemplo da simplificadora tendência analítica que busca procurar apenas a unidade, a centralidade e a essência nos e dos sujeitos, quase sempre os naturalizando. Nela e com ela, vê-se como o sujeito pode multifacetar-se, como é constituído por práticas e relações, opções e decisões. Poderia rebelar-se, maldizer seu aquele feito algoz ou culpá-lo, transformá-lo no responsável por seu estado, mas sua postura foi outra:

(...) contentava-se em suspirar no meio de grandes silêncios durante o serviço de todo dia, covarde e resignada, como seus pais que a deixaram nascer e crescer no cativo. Escondia-se de todos, mesmo da gentalha do frege e da estalagem, **envergonhada de si própria, amaldiçoando-se por ser quem era, triste de sentir-se a mancha negra**, a indecorosa nódoa daquela prosperidade brilhante e clara. E, no entanto, adorava o amigo: tinha por ele o fanatismo irracional das caboclas do Amazonas pelo branco a que se escravizavam, dessas que morrem de ciúmes, mas que também são capazes de matar-se para poupar ao seu ídolo a vergonha do seu amor (Idem: 193, grifos meus).

Bertoleza se via como uma mancha negra. Negra por causa do incômodo que estaria causando à prodigiosa ascensão do companheiro, negra por cor de pele e condição servil, em contraste com o brilho, a clareza e a prosperidade do branco João Romão. Jogos de cores, jogos de sentidos! Vemos outra Bertoleza que amava mesmo sendo rejeitada,

que respeitava, mesmo sendo preterida por outras tantas brancas, que se dedicava em tudo:

Como sempre, era a primeira a erguer-se e a última a deitar-se; de manhã escamando peixe, à noite vendendo-o à porta, para descansar da trabalhadeira grossa das horas de sol; sempre sem domingo nem dia santo, sem tempo para cuidar de si, feia, gasta, imunda, repugnante, com o coração eternamente empenhado de desgostos que nunca vinham à luz (...) Fizera-se áspera, desconfiada, sobrolho carrancudo, uma linha dura de um canto ao outro da boca (AZEVEDO, 1993: 193-194).

Mulher outra, moldada na repugnância. Transformou-se em áspera, não mais desejada, sem os encantos de outrora. Apesar do descaso e da ojeriza de João Romão, ela continuou fazendo o que melhor sabia e podia. Muitas vezes automaticamente, como uma máquina que trabalha sem descanso, mal percebia o decorrer dos dias e das noites. Contudo, não devemos reforçar em demasia essa metáfora, porque Bertoleza ainda podia sentir, sensibilizar-se e magoar-se com ela e com os outros:

Certo dia em que João Romão conversou muito com Botelho, as lágrimas saltaram dos olhos da infeliz, e ela teve de abandonar a obrigação, porque o pranto e os soluços não lhe deixavam fazer nada.

Botelho havia dito ao vendeiro:

Faça o pedido! É ocasião.

Hein?

Pode pedir a mão da pequena. Está tudo pronto!

O Barão dá-ma?

Dá.

Tem certeza disso?

Ora! Se não tivesse não lho diria deste modo!

Ele prometeu?

Falei-lhe; fiz-lhe o pedido em seu nome. Disse que estava autorizado por você (Idem: 194).

João Romão precisava livrar-se de Bertoleza o quanto antes, porque Miranda já havia comunicado oficialmente o aceite de Zulmira, esperava apenas que D. Estela marcasse o dia do casamento. Todos esperavam uma solução e João Romão, sem conseguir dormir, pensava e pensava, sem encontrar uma solução. Nas palavras de Azevedo:

Mas que diabo havia ele de fazer afinal daquela peste?...

(...) O diabo era a Bertoleza!...

E o vendeiro ia e vinha no quarto, sem achar uma boa solução para o problema.

Ora, que raio de dificuldade armara ele próprio para se coser!... Como poderia agora mandá-la passear, assim, de um momento para outro, se o demônio da crioula o acompanhava tanto tempo e toda a gente na estalagem sabia disso? (AZEVEDO, 1993: 209).

Temos os entrecruzamentos, as imbricadas teias e cartografia nas e pelas quais Bertoleza se constituía: mulher, amante, ex-escrava, escrava, crioula, demônio, besta, imunda, fedorenta, trabalhadora, estorvo e empecilho. Durante sua vida, Bertoleza foi tudo isso e mais. Às vezes conseguia ser várias Bertolezas ao mesmo tempo, em outras ocasiões esforçava-se para conseguir acalmar o peito. Em relação a João Romão, no momento em o sonho de se casar com uma “brasileirinha fina e aristocrática” se tornara tão próximo e acessível, ele cristaliza a imagem que estava sendo moldada, Bertoleza é redefinida como um obstáculo:

(...) sentia-se revoltado e impotente defronte daquele tranqüilo obstáculo que lá estava embaixo, a dormir, fazendo-lhe em silêncio um mal horrível, perturbando-lhe estupidamente o curso da sua felicidade, retardando-lhe, talvez sem consciência, a chegada desse belo futuro conquistado à força de tamanhas privações e sacrifícios! (Idem: 209-210).

Mas não pense que, ao menos de princípio, foi tão fácil se livrar do obstáculo negro. Falta-lhe

coragem para a ação, para o desfecho:

E a Bertoleza? Gritava-lhe do interior uma voz impertinente.

É exato! E a Bertoleza?... repetia o infeliz, sem interromper o seu vai-e-vem ao comprido da alcova.

Diabo! E não poder arrear logo da vida aquele ponto negro; apagá-lo, como quem tira da pele uma nódoa de lama! Que raiva ter de reunir aos vãos mais fulgurosos da sua ambição a idéia mesquinha e ridícula daquela inconfessável concubinação! E não podia deixar de pensar no demônio da negra, porque a maldita ali estava perto, a rondá-lo ameaçadora e sombria (Idem: 210).

Bertoleza causava-lhe, agora, angústia ao lembrá-lo de suas misérias, ao recordar de um tempo passado que deveria ser esquecido. Representava um *obstáculo negro* a ser removido. Ela era a prova viva e pulsante de tudo aquilo que ela fora, mas que não era mais. João Romão precisava apagar as provas do tempo de privações e inferioridade.

No lugar de seu negro passado ele desejava um futuro branco, uma pálida mocinha de mãos delicadas e cabelos perfumados. Desejava uma vida nova e branca com a doce existência dos abastados. Já podia se ver como um deles, como um vencedor. Suspirava com o progresso de sua vida, com o namorado sorriso da filha do Mirando e com tudo o que isso que propiciaria.

Mas e Bertoleza? Como se livrar desse embaraço? Atormentado pelo obstáculo à sua felicidade, via na morte a única solução. Bertoleza deveria morrer.

Com o passar das horas e com borbulhar de idéias, a necessidade de tornar-se livre da entalção amadurecia incontestavelmente. Embora convicto, não tinha coragem de acabar com a angústia. Esperto, sabia que tudo deveria ser bem planejado. Temeroso, estava ciente de que D. Estela marcaria

o dia do casamento em breve e esperava dele o sumiço da negra sem o menor escândalo.

No dia seguinte a uma fatídica noite mal dormida, João Romão recebe a visita do amigo Botelho. Este astuto casamenteiro traz novas da casa de Miranda: D. Estela estava muito apreensiva com o fato de o noivo de sua filha estar envolvido com uma crioula. Botelho, temendo que esta história lhes trouxesse qualquer embaraço, tentou convencer João Romão que “dente que já não presta arranca-se fora!”. À mesa, durante o almoço, ambos discutem a fragilidade da situação quando, do nada, Bertoleza entrou na sala completamente transformada, parecendo uma outra. A situação chega ao seu limite:

(...) Bertoleza assomou à entrada da sala. Vinha tão transformada e tão lívida que só com sua presença intimidou profundamente os dois. A indignação tirava-lhe faíscas dos olhos e os lábios tremiam-lhe de raiva. Logo que falou veio-lhe espuma aos cantos da boca. Você está muito enganado, Seu João, se cuida que se casa e me atira à toa! Exclamou ela. Sou negra, sim, mas tenho sentimento! Quem me comeu a carne tem de roer-me os ossos! (AZEVEDO, 1993: 217).

Pela primeira vez Bertoleza enfrentou João Romão, trazendo o problema às claras. Após escutar a conversa daquele que ainda considerava seu homem, essa outra Bertoleza, ciente das intenções de João Romão, exige o que considerava seu como direito:

Eu escutei o que você conversava, Seu João! A mim não me cegam assim só!(...) Você está armando casamento com a menina de Seu Miranda! Sim estou, um dia havia de cuidar de meu casamento!... Não hei de ficar solteiro toda a vida, que não nasci para pândego! Mas também não te sacudo na rua, como disseste; ao contrário agora mesmo tratava aqui com seu Botelho

de arranjar-te uma quitanda e... Não! Com a quitanda principiei; não hei de ser quitandeira até morrer! Preciso de um descanso!(...) Mas afinal que diabo queres tu? Ora essa! Quero ficar a seu lado! Quero desfrutar o que nós dois ganhamos juntos! Quero a minha parte no que fizemos com o nosso trabalho! Quero o meu regalo, como você quer o seu! (AZEVEDO, 1993: 217-218).

Com a coragem de externar e dar visibilidade ao problema, Bertoleza deixou evidente que sempre, durante esses anos de labuta, pensou e ainda insistia em pensar no plural, na primeira pessoa do plural. Ela queria desfrutar do que *ambos* ganharam. Para ela a recompensa do esforço do casal deveria ser compartilhada *entre eles*.

João Romão, no calor da discussão, também se prova. Revela publicamente que não quer deixar Bertoleza na miséria — compadecido com a situação da antiga companheira, até lhe propõe comprar uma quitanda. Também deixa claro que não é de seu interesse permanecer com a crioula em sua casa. O que era sabido por poucos foi anunciado em alta voz, inclusive à própria Bertoleza: ele não iria continuar vivendo com ela por causa de seu noivado com Zulmira.

Bertoleza, enraivecida, consegue sintetizar em poucas palavras todo seu pesar:

Ah! Agora eu não me enxergo! Agora eu não presto para nada! Porém, quando você precisou de mim não lhe ficava mal servir-se de meu corpo e agüentar a sua casa com o meu trabalho! Então a negra servia para um tudo; agora não presta para mais nada, e atira-se com ela no monturo do cisco! Não! Assim também Deus não manda! Pois se aos cães velhos não se enxotam, por que me hão de pôr fora desta casa, em que meti muito suor do meu rosto?... Quer casar, espere então que eu feche primeiro os olhos; não seja ingrato! (Idem: 218).



Pela primeira vez, temos palavras de Bertoleza, as quais sugerem suas escolhas e opções. Dedicou-se, trabalhou, foi companheira, amante e empregada. Ajuntou, ajudou e conquistou. Vendo-se não mais necessária, adverte com palavras proféticas que, somente após sua morte, o velho João Romão se casaria com outra.

A atitude e as palavras inesperadas de Bertoleza revelaram a João Romão suas reais dificuldades. O que tentava resolver sem escândalos, para poupar a família de sua futura esposa e, inclusive, para evitar comentários públicos sobre seu relacionamento com uma preta que cheirava peixe, tomara dimensões inimagináveis. Agora, mais do que nunca, ele precisava retirar cirurgicamente esse mal que o atormentava.

A solução definitiva começou a delinear-se durante uma prosa com o prestativo amigo Botelho. João Romão fora lembrado da verdadeira situação da negra: ela ainda era escrava e seus senhores, os herdeiros do velho mineiro, poderiam estar dispostos a reaver a peça. Nas palavras do próprio Botelho:

Ora! Então a coisa é simples!...  
Mande-a para o dono!  
E se ela não quiser ir?  
Como não?! A polícia a obrigará! É boa!  
Ela há de querer comprar a liberdade...  
Pois que a compre, se o dono consentir!... Você com isso nada mais tem que ver! E se ela voltar à sua procura, despache-a logo; se insistir, vá então à autoridade e queixe-se! (AZEVEDO, 1993: 219).

Botelho ficou encarregado de encontrar o verdadeiro dono de Bertoleza e arranjar a entrega. Logicamente, receberia algo em troca pela ajuda. Como em outras ocasiões, João Romão pagou pelos préstimos. Botelho, satisfeito com o acordo, garantiu ao desesperado amigo que o estupor seria

despachado em pouco tempo. Era preciso recorrer a uma antiga, mais ainda verdadeira relação: a mulher ainda era escrava.

### O desfecho

Depois de muito esperar, a cena final foi desenhada. O verdadeiro dono demonstrara interesse em reaver sua peça e, para isso, a polícia iria colaborar para que o ilustre proprietário voltasse para sua casa com o que lhe pertencia por herança, ou seja, Bertoleza. Botelho iria receber por seu trabalho e João Romão ficaria livre para assumir a posição que acreditava merecer após tanta privação.

Mas a situação poderia agravar-se caso o homem quisesse os ordenados de todo o tempo em que ela estivera na companhia de João Romão. Caso isso acontecesse, como sairia ileso? Mais uma vez, o prestativo Botelho tinha uma resposta na ponta da língua:

Como, filho, se você não a alugou das mãos de ninguém?!... Você não sabe lá se a mulher é ou era escrava; tinha-a por livre naturalmente, agora aparece o dono, reclama-a, e você a entrega, porque não quer ficar com o que lhe não pertence! Ela sim, pode pedir o seu saldo de contas; mas para isso você lhe dará qualquer coisa... (AZEVEDO, 1993: 228).

Diferentemente de João Romão, Bertoleza não conseguira estabelecer nenhuma amizade como aquela de Botelho. Estava por si só.

Na fatídica noite, após saciar-se com o jantar, com a sobremesa e o habitual cafezinho, João Romão é avisado por um empregado que um tal senhor, acompanhado de dois praças, o esperava. Em poucos instantes, acompanhado de Botelho, o vendeiro desce para a última cena:

Quem me procura?... Exclamou João Romão com disfarce, chegando ao armazém.

Um homem alto, com ar de estróina, adiantou-se e entregou-lhe uma folha de papel.

João Romão, um pouco trêmulo, abriu-a defronte dos olhos e leu-a demoradamente. Um silêncio formou-se em torno dele (...)

Está aqui com efeito... disse afinal o negociante. Pensei que fosse livre...

É minha escrava, afirmou o outro.

Quer entregar-ma?...

Mas imediatamente.

Deve estar lá dentro. Tenha a bondade de entrar... (AZEVEDO, 1993: 229).

carta de alforria era uma mentira, e que o seu amante, não tendo coragem para matá-la, restituía-a ao cativo (Idem: 229-239).

No exato momento em que se dá conta de sua real condição, a crioula, trabalhadora, amante, submissa, dedicada, calada e, muitas vezes, passiva, começa a se reinventar. Não aceitando aquela situação, negando o inevitável, age:

Seu primeiro impulso foi de fugir. Mal, porém, circunvagou os olhos em torno de si, procurando escapula, o senhor adiantou-se dela e segurou-lhe o ombro.

É esta! Disse aos soldados que, com um gesto, intimaram a desgraçada a segui-los. – Prendam-na! É escrava minha! (Idem: 230).

Mesmo após a primeira discussão, onde deixara claro que estava ciente dos planos de João Romão, Bertoleza continuou presente naquele território que a definirá até então: “lá dentro”! A cozinha era onde ela escrevia suas histórias. Na cozinha seria encontrada, e dentro da cozinha seria entregue:

Atravessaram o armazém, depois um pequeno corredor que dava para um pátio calçado, e chegaram finalmente à cozinha. Bertoleza, que havia já feito subir o jantar dos caixeiros, estava de cócoras no chão, escamando peixe, para a ceia do seu homem, quando viu parar defronte dela aquele grupo sinistro (Idem: 229).

No território transformado em seu, fazendo o que diariamente lhe cabia, Bertoleza, com a perspicácia que os outros não lhe notavam com facilidade, compreende a armadilha. Em poucos segundos consegue vislumbrar a traição, o engano, a covardia e as ludibrias encenações daquele homem a quem confiara.

Reconheceu logo o filho mais velho de seu primitivo senhor, e um calafrio percorreu-lhe o corpo. Num relance de grande perigo compreendeu a situação; adivinhou tudo com a lucidez de quem se vê perdido para sempre: adivinhou que tinha sido enganada; que a sua

Diante da inútil tentativa de fuga, ela opta em ficar em sua cozinha. Encontra finalmente a liberdade nela mesma, naquela Bertoleza, mulher feita valente. Ato definitivo e irrevogável, o suicídio foi praticado por essa mulher que buscou a liberdade ao longo de toda sua vida. Recusou-se a voltar e permanecer no cativo. Não mais compactou com a condição de “ser quem era”:

A negra, imóvel, cercada de escamas e tripas de peixe, com uma das mãos espalmadas no chão e com a outra segurando a faca de cozinha, olhou aterrada para eles, sem pestanejar. Os policiais, vendo que ela se não despachava, desembainharam os sabres. Bertoleza então, erguendo-se com o ímpeto de anta bravía, recuou de um salto e, antes que alguém conseguisse alcançá-la, já de um só golpe certo e fundo rasgara o ventre de lado a lado. E depois emborcou para a frente, rugindo e esfocinando moribunda numa lameira de sangue (Idem: 230).

Ato convicto de quem conhecia suas resultados, esse suicídio indica um ponto de ruptura entre

as Bertolezas que viveram e morreram no cortiço carioca de João Romão. Complexifica as referências, as imagens, os sentidos atribuídos, aceitos e/ou reinventados por e para Bertoleza. O fato de ter uma história e um passado tecidos com muito trabalho, dedicação, cumplicidade e passividade não impediu a ação, a decisão, certa vingança. No lugar da esperada obediência, fez-se “anta bravia”. Em vez de permanecer escrava, negou a vida imposta, não por ela escolhida. Recriando-se, ousou fazer o inesperado.

João Romão, que fugira até o canto mais escuro do armazém para não ver a crioula se debatendo no chão, tem seu instante de perplexidade apagado pela irônica e apaziguadora visita de uma comissão de abolicionistas que vinha, de casaca, trazer-lhe respeitosamente o diploma de sócio benemérito.

### Instigações finais

Assim, o suicídio de Bertoleza ressalta as facetas de um complexo jogo. De um lado, o esforço por produzir sujeitos normatizados, previsíveis, reconhecíveis. Por outro, a abertura para o inesperado, o inadvertido, o insólito. No lugar do natural, da essência, da continuidade e da mesmice, a imprevisibilidade da vida e da morte.

A título de conclusão, quatro considerações são necessárias.

Em primeiro lugar, não existe há na obra *O Cortiço* uma única, constante e previsível Bertoleza. No lugar do sujeito singular, apresentei várias Bertolezas — sem unidade, totalidade ou essência —, em outras palavras, um sujeito plural, fato esse que torna qualquer tentativa de classificação identitária simplificadora. Não posso pensá-la a partir de referências binárias, tais como a vítima ou a rebelde, submissa ou dócil, um simples corpo frágil e delicado ou rústico e forjado pelo trabalho

pesado. Relacionando-se principalmente com João Romão, fez-se presente da quitanda à venda, do trabalho doméstico à cama.

Em segundo, porque sua vida e as condições que a levaram ao suicídio são únicas, impossíveis de serem reproduzidas ou vivenciadas por outros — ou outras tantas mulheres do século XIX. Não podemos afirmar que todo sujeito sentiria ou agiria da mesma forma e com a mesma densidade no lugar de Bertoleza. Os fatos não se repetem, tampouco as intensidades.

Em seguida porque apresenta o inesperado do ato, a dimensão do medo da irracionalidade, do descontrole e da falta de ordem historicamente identificados no suicídio. Nem João Romão, nem Botelho, ou qualquer outro presente em *sua cozinha* esperava aquela escolha. Por pensar que conheciam a mulher que pretendiam capturar, esperavam a entrega, a subserviência e o respeito à ordem “natural” das coisas, não a revolta, a recusa e a ação.

E, finalmente, porque a suicida Bertoleza é naquele cortiço (obra literária e moradia) quem subverte, nega e desautoriza práticas e relações de poder engendrados por sujeitos, discursos e saberes que buscavam perscrutar esse tipo de morte, essa gente que se amontoava nos insalubres cubículos cariocas, seus costumes, hábitos, suas vidas e mortes. Negou o inegável, ou seja, não aceitando o que lhe tramaram, estilizou sua vida e também sua morte, não se resignou frente aos poderes que lhe apresentavam o inelutável. Procurou ao longo de sua vida e em sua morte a liberdade.

As relações consigo e com outros, por meio das quais Bertoleza foi se constituindo - esses outros em sua maioria homens e, sobretudo, com João Romão - foram buscadas, apresentadas e analisadas. O objetivo foi indicar que para além das tradicionais imagens e referências históricas

desenhadas e permitidas a uma mulher crioula trintona, escrava (que se pensava e se via como ex-escrava), sensual, cozinheira, limpadora de peixes que vivia em um cortiço carioca no final do século XIX, é possível articular e evidenciar muitas outras, como a mulher aquela que desejava, sonhava, lutava, resistia e, talvez por isso, tenha se suicidado. No entanto, cada uma dessas Bertolezas, dessas mulheres possíveis são únicas e plurais. Por isso esta personagem sugere que o indivíduo possui a capacidade de efetuar determinadas operações sobre si para se transformar, para estilizar não só sua existência como suas resistências diárias e cotidianas. O suicídio de Bertoleza pode ser visto como estratégia, disposição, manobra de enfrentamento e embate; exercício de poder e de resistência; fratura de uma situação inaceitável; prática de poder, força que se exerce; enquanto singularidade é, ao mesmo tempo, resistência e ação, exercício de si para consigo, experiência libertária, mas limite. Optou, agiu, concretizou e encerrou sua vida pelo e no suicídio. Resistência última contra a lei, a autoridade e a imposição masculinas presentes em sua(s) cozinha(s)... Escolheu permanecer como acreditara por certo tempo estar, livre.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Aluísio. *O Cortiço*. SP: FTD, 1993.

BROCA, Brito. *Naturalistas, parnasianos e decadistas: vida literária do realismo ao pré-modernismo*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1991.

CANDIDO, Antonio e CASTELLO, José Aderaldo. *Presença da Literatura Brasileira*. Romantismo, Realismo, Parnasianismo, Simbolismo. 6ª ed. SP/RJ: DIFEL, 1976.

FONTES, Joaquim Brasil. "A corrupção da Natureza". *Entretextos Entresexos*. Campinas, out. 1998. n. 2, pp. 09-53.

### Fontes das Figuras:

1.Fonte: <http://www.atica.com.br/Images/resenhas/ddcortico.jpg>

2.Fonte: [http://educaterra.terra.com.br/literatura/realnaturalismo/rea\\_joao\\_bertoleza\\_ocortico.jpg](http://educaterra.terra.com.br/literatura/realnaturalismo/rea_joao_bertoleza_ocortico.jpg)

3.Fonte: [http://2.bp.blogspot.com/\\_m5TPg721CLw/SMRRki0hxDI/AAAAAAAAADA/GbGYIV04LJ4/s400/CORTI%C3%87O.jpg](http://2.bp.blogspot.com/_m5TPg721CLw/SMRRki0hxDI/AAAAAAAAADA/GbGYIV04LJ4/s400/CORTI%C3%87O.jpg)

4.Fonte: <http://www.cce.ufsc.br/~nupill/literatura/cort.gif>

5.Fonte: <http://www.cajamar.sp.gov.br/imagens/img73.jpg>

